

THÉRÈSE, EMMA E ALAÍDE

Beatriz Curado
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP
biacurado@uol.com.br

Resumo: no presente ensaio, pretendemos analisar a condição da mulher no século XIX, na Europa, e seus destinos já traçados – o convento ou o casamento –, usando como objeto uma figura da realidade, Thérèse de Lisieux, e outra, da Literatura, Emma Bovary. A essas duas figuras juntamos uma, da dramaturgia de Nelson Rodrigues, Alaíde, de Vestido de Noiva. A proximidade dessas mulheres é maior do que poderíamos imaginar: através da idéia de sujeito, que se constrói no século XIX, percebemos como elas são “não sujeitos”, incapacitadas de exercer suas verdadeiras vocações, vivenciando uma vida plena. O dualismo presente no coquetismo também nos guia, verticalizando a análise psicológica.

Palavras-chave: gênero; religião; literatura.

Abstract: In this essay, we intend to analyze the women condition during the XIX century in Europe and their already decided destinies - the convent or the marriage. It will be used as object one character from reality, Thérèse de Lisieux and another from Literature, Emma Bovary. A third figure from Nelson Rodrigues' dramaturgy, Alaíde, from the play Vestido de Noiva, will also be put in this context. The closeness of these women is bigger than we can imagine: through the idea of “individual”, which was built in the XIX century, we can realize how these women are seen as “no individuals”, incapable to explore their vocations, living a full life. The dualism present in the Coquettish also will guide us, deepening the psychological analysis.

Keywords: Gender; Religion; Literature.

Thérèse de Lisieux, Madame Bovary e Alaíde: essas três mulheres, que parecem tão distantes entre si, têm muito mais em comum do que se percebe à primeira vista: neste ensaio, analisaremos a condição da mulher no século XIX, na Europa, e aproximaremos essa análise da nossa realidade, usando como objeto Alaíde, personagem da dramaturgia de Nelson Rodrigues.

Ser mulher durante o século XIX significava muito mais do que um gênero, era um uma condição. As mulheres da burguesia tinham dois destinos já traçados, muitas vezes sem que elas os escolhessem: o convento e o casamento. Duas figuras femininas desse século, uma real e outra da ficção, ilustram muito bem os desejos e as frustrações contidos nessa “falta de escolha”, como é magnificamente mostrado no livro de Micheline Hermine (1997), *Destins de femmes désir d’absolu: essai sur Madame Bovary et Thérèse de Lisieux*. O que une, essas mulheres, acima de tudo, é sua revolta contra essa condição submissa e a impossibilidade de aventuras consideradas exclusivamente masculinas: “A Igreja em particular e a sociedade em geral, proibiram Thérèse e Emma de realizarem suas múltiplas vocações masculinas” (ibid., p. 174).

Thérèse, mulher decidida, acaba seguindo todas suas irmãs e vai para o convento. Sua vida é curta, porém, profundamente intensa: desde cedo decide-se pelo convento¹ – talvez pela falta total de vontade de exercer o papel de esposa e dona-decasa – e luta para que isso aconteça o mais rápido possível – é conhecida sua visita ao Papa, quando usa de todo seu chame para convencer o pontífice de que já estaria pronta para ingressar na vida monástica. Seus escritos mostram que sua inteligência e seu talento não poderiam e não ficaram restritos aos muros do convento. Sua paixão por Jesus não pode ser classificada como um amor beato; ela ama apaixonadamente, de corpo e alma, e sublima todo seu amor. É até hoje uma das santas mais populares da França.

Já Emma Bovary, personagem do romance de Flaubert (2004), é uma heroína frustrada. Mesmo tendo sido criada em um convento, acaba se casando e sai da casa do pai, onde já não era muito feliz, para casa do marido, o médico Charles, pessoa sem muita ambição, para quem o casamento com Emma e seu trabalho eram o suficiente. Não podendo exercer outros papéis senão o de mãe e esposa, Emma acaba projetando toda sua ambição no marido, que a frustra; procura no adultério uma fuga para sua infelicidade e passa a vida à espera de algo que nunca vem e que ela mesma não consegue definir o que é, chegando, enfim, ao desenlace trágico: o suicídio. Talvez na morte pudesse preencher o vazio que a torturou a vida toda.

A essas duas figuras do século XIX juntamos uma, do século XX, da dramaturgia brasileira: Alaíde, da peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues (1981). Levando em consideração o atraso que o Brasil viveu nas correntes literárias e nas idéias modernas, tomamos a liberdade de avançar um século, com a presença de uma terceira figura feminina no nosso trabalho.

O enredo da peça é aparentemente simples: Alaíde conquista o namorado da irmã e casa-se com ele. Insegura em relação ao amor de Pedro, briga com a irmã e acaba atropelada. Na mesa de cirurgia, antes de morrer, mistura realidade, alucinação e lembranças. Mulher da classe média carioca, teve educação rigorosa e está

¹ O convento era a única alternativa respeitável ao casamento, desde o paleo-cristianismo. Para mais informações sobre esse assunto, Salisbury (1995).

fadada ao casamento e à maternidade, que nem chega a acontecer: “Ela é o resultado de uma organização social medíocre e sem horizontes, que assinala à mulher (sobretudo da sua classe social – estamos em 1943) um único caminho: casar, ter filhos, frequentar reuniões sociais, teatros, cinemas” (Fraga, 1998, p. 61).

O casamento de Alaíde com Pedro, industrial bem sucedido, traz para toda a família uma ascensão social: todos vão morar numa casa comprada pelo marido, a casa em que viveu uma famosa meretriz assassinada anos antes: Madame Clessi. Ao contrário das duas primeiras figuras femininas, a Alaíde já é permitido sonhar e é na leitura – assim como Emma – que ela vai buscar material para suas divagações. Mas, ao contrário dos romances para moças do século XIX – “‘Silly novels by lady novelists’, era como Georg Eliot qualificava as novelas escritas por e para mulheres, desprezando a tolice e o romantismo fácil de umas e outras” (Kehl, 1997, p. 89) –, Alaíde tem como leitura o diário que achou no porão da casa, o diário de Madame Clessi:

ALAÍDE – Não, não vou, não! Desista. Pedro! Também vou ler!

PEDRO – O quê?

ALAÍDE – Você nem faz idéia! Um diário! O diário de uma grande mulher!

Assim como o século XIX trouxe uma nova concepção de sujeito na Europa, devido às grandes mudanças ocorridas – modernidade, urbanização, industrialização, etc. –, Nelson trouxe a modernidade e esse novo sujeito aos palcos nacionais: com sua peça *Vestido de Noiva* uma nova etapa é aberta na dramaturgia e nas encenações brasileiras (cf. Magaldi, 1997). Alaíde representa esse novo sujeito, uma típica mulher da burguesia moralista da época e da mentalidade do século XIX, tão presente no Brasil. Essa idéia de um novo sujeito começava a aparecer e se estruturar na sociedade, mas a condição feminina continuava submissa:

Assim, aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia do sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à idéia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a idéia, também moderna, de que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com sua própria vontade. [...] à feminilidade como estrutura, correspondente a um conjunto de funções socialmente essenciais, opunha-se a nova personalidade individual, diferenciada de acordo com a composição “autoral” de cada sujeito. (Kehl, 1997, p. 44)

É impossível não notar as semelhança e diferenças de Alaíde, a figura desse novo sujeito escolhida para a nossa análise, com Emma Bovary e Thérèse de Lisieux. São o amor, o gênero e as conseqüências das ações dessas mulheres que nos interessam. Para tal análise, encontramos o coquetismo (cf. Simmel, 2001) como nosso guia.

Sendo o ser humano por natureza dualista, nada mais natural que haja um comportamento entre gêneros que trabalhe uma dualidade: a do dar/ter versus não dar/não ter. A idéia platônica dualista do amor só se reforça no coquetismo: a mulher age demonstrando querer um objeto que nunca será seu. O jogo exercido no real alimenta o imaginário e o desejo se realiza nesse campo, onde a mulher pode gozar plenamente, sem ter que se preocupar em como suas ações serão interpretadas pela sociedade/outro.

Assim age Emma Bovary, que acaba perdendo o controle de sua vida e percebendo que toda a sedução que ela exerceu ficou exatamente onde deveria, no imaginário. A partir do momento que precisa de ações no campo do real, sua vida começa a desmoronar: não tem autonomia para resolver os seus problemas e sua busca por soluções frustra-se até que seja necessário, pelo menos para sua psique, o suicídio, que parece ser a única porta de escape. Não podendo simplesmente ir embora ou pedir o divórcio, a sucessão de atos impensados, que levam a conseqüências não imaginadas por Emma, só deixam a ela um meio de solucionar a questão: a morte.

Também há comportamento de coquete em Thérèse, que escolhe como objeto de desejo Jesus, chegando a ponto de convencer o próprio pai a mandar confeccionar convites de “casamento” para sua entrada no convento. Escolhendo um objeto que está além do alcance do real, é possível passar toda uma vida jogando e gozando – no sentido laciano – sem se preocupar com as conseqüências de suas ações.

Já Alaíde, que como Emma passa a vida esperando uma “invitation au voyage” (Fraga, 1998, p. 182), age como coquete desde a conquista do namorado da irmã. Sem nos atermos ao lado incestuoso da ação, que é repetidamente citado pelos que trabalham a obra de Nelson, ter o namorado da irmã é uma conquista. E, logo depois da conquista, vem o vazio, como veio para Emma – mas esta não quis conquistar ninguém, apenas não tinha saída. O vazio foi seguido pela insegurança: os dois poderiam reatar o relacionamento, deixando-a de lado. E, na fuga para o imaginário – que Nelson chama de alucinação –, encontra Clessi.

A prostituta, que já povoava o inconsciente de Alaíde, passa a ser guia na passagem para a morte: é ela quem vai mostrar a Alaíde que a morte chegou através da tão esperada viagem que as duas fazem em busca de uma mulher desconhecida, a “mulher de véu”, que é Lúcia, a irmã de quem Alaíde roubou Pedro. E nessa viagem os acontecimentos vão se tornando claros para Alaíde, para Clessi e também para o espectador da obra. Buscando uma figura que não existe mais – Clessi – Alaíde aproxima-se de Thérèse: as duas saem do real para realizarem os seus desejos e as duas se calcam na leitura para se aproximar do objeto. Mas Alaíde não faz uma escolha consciente: durante a alucinação, ela é guiada, não guia. Já Thérèse (Josaphat, 1999, p.116) se mostra muito consciente e guia sua produção escrita para Jesus:

Que felicidade
sofrer por aquele
que me ama loucamente.
E passar por louca
Aos olhos do mundo.
Guardar a palavra de Jesus,
Eis a única condição
de nossa única felicidade.

Pode parecer banal a comparação entre os objetos de desejo de Alaíde e Thérèse: afinal, comparar uma prostituta de luxo com Jesus Cristo tem cheiro de heresia. Porém, como estamos usando uma linguagem psicanalítica, vamos nos ater ao desejo e para onde – ou seja, qual é o objeto – ele está sendo direcionado.

Sem dúvida, a comparação chega a ser injusta se formos nos preocupar com o valor dos objetos. Teríamos que, no mínimo, estabelecer parâmetros para essa comparação, e não é esse nosso objetivo.

Thérèse, pela escolha do objeto, mostra-se uma mulher que, na busca, procura também uma qualidade diversificada: na religião e nos estudos há uma qualidade diferente e também uma busca do sagrado, do numinoso (cf. Otto, 1992). Alaíde é apenas uma burguesa entediada com o casamento. Claro que o sofrimento das duas é real – esquecendo que Alaíde é uma personagem de ficção – e não nos cabe – e nem é possível – quantificar quem sofre mais.

A frustração da vida real de Alaíde, que, como Emma e Thérèse, esperava mais da vida e tinha ambições de outro tipo de felicidade, leva-a à morte. Apesar da semelhança entre a morte das três mulheres, precisamos nos aproximar para perceber que há grandes diferenças e o que as une é apenas a pouca idade. Alaíde buscou um preenchimento do vazio com o casamento e não conseguiu. Viu-se presa a uma condição de esposa, que significava uma vida sexual e afetiva sem graça, na sua visão; o erotismo não se configura no casamento²: “para mulheres (...) o casamento era uma espécie de investimento definitivo do qual dependerá todo o prazer e todas as alegrias que ela vier a conhecer” (Kehl, 1997, p. 82).

Ela estava pronta a se aventurar como Madame Clessi, a ter romances com meninos. Mas faltou-lhe a coragem, a coragem de Emma, que se jogou de corpo e alma no adultério e também não conseguiu se satisfazer. As duas estavam com a mente cheia de conceitos já formados, que se criaram com a leitura. E a idealização levou-as à frustração total:

A esperança de fazer da vida uma “aventura pessoal”, versão romantizada dos delírios de ascensão social e autonomia que sustentam a ordem burguesa, entram em conflito com as exigências de filiação e disciplina familiar sem as quais essa ordem também se vê ameaçada. (Ibid., p. 35)

Nessa busca e aproximação com Emma, as duas se distanciam de Thérèse, que teve morte natural. Alaíde morre atropelada, e é possível interpretar o atropelamento como suicídio; Emma claramente se suicida. Já Thérèse, como religiosa, não poderia nunca se matar. Só cabe a Deus tirar a vida, e ela aceita quando chega sua hora: finalmente poderá encontrar o objeto do seu desejo. Thérèse é a única das três que tem esperança, porque acredita em algo e, assim, a sua construção como sujeito foi melhor estruturada durante a vida e, na morte, na ascensão aos céus, ela achará o que tanto ansiou.

Não podemos generalizar e assumir como verdade que todas as mulheres do século XIX na Europa e no século XX, no Brasil, sofriam com esse destino, por mais que Hermine (1997, p. 177) diga, em seu livro: “as moças passavam para a condição de esposas como um objeto de troca” – apenas escolhemos o tema como objeto de análise. A impossibilidade de exercer atividades tidas como masculinas e de buscar alternativas ao casamento é que torna essas mulheres vítimas de sua época.

² Sobre o erotismo cf. Bataille (1980).

Referências

BATAILLE, G. O Erotismo. Lisboa: Moraes, 1980.

FLAUBERT, G. Madame Bovary. Tradução Araújo Nabuco. São Paulo: Martin Claret, 2004.

FRAGA, E. Nelson Rodrigues Expressionista. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.

HERMINE, M. Destins de femmes désir d'absolu: essai sur Madame Bovary et Thérèse de Lisieux. Paris: Beauchesne Éditeur, 1997.

JOSAPHAT, C. As Santas Doutoradas: espiritualidade e emancipação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1999.

KEHL, M. R. B. Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 1997. 280f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia São Paulo: Universidade Católica de São Paulo.

MAGALDI, S. Panorama do Teatro Brasileiro. São Paulo: Global Editora, 1997.

OTTO, R. O Sagrado. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1992.

RODRIGUES, N. Teatro Completo de Nelson Rodrigues: Peças Psicológicas I. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SALISBURY, J. E. Pais da Igreja, Virgens Independentes. Tradução Tânia Marques. São Paulo: Scritta, 1995.

SIMMEL, G. Filosofia do Amor. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.